

INTERSECÇÕES ENTRE A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Lucas George Wendt

Mestrado em Ciência da Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

lucas.george.wendt@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4901-6826>

Maurício Coelho da Silva

Mestrado em Ciência da Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

mauriciocoelho.hlp@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7923-9457>

Thiago Henrique Bragato Barros

Doutorado em Ciência da Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

bragato.barros@ufrgs.br
<https://orcid.org/0000-0001-7439-5779>

RESUMO

Esta pesquisa investiga as intersecções entre a História do Conhecimento e a Organização do Conhecimento, partindo da hipótese de que ambos os campos compartilham fundamentos teórico-metodológicos e se complementam na compreensão da produção, estruturação e circulação do saber. Utilizou-se método qualitativo e teórico-conceitual, baseado em revisão crítica da literatura especializada (incluindo autores clássicos e contemporâneos das duas áreas) e em análise de fontes secundárias, como encyclopédias e obras de referência da Organização do Conhecimento. Os resultados indicam convergência em torno de preocupações centrais, como produção, legitimação e recuperação do conhecimento, e mostram que a Organização do Conhecimento oferece instrumentos práticos (taxonomias, ontologias, vocabulários controlados e sistemas de classificação) enquanto a História do Conhecimento fornece enquadramento temporal e crítico sobre mudanças epistêmicas e exclusões históricas. Identificaram-se também desafios e lacunas: necessidade de integração metodológica mais consistente, atenção às transformações históricas dos esquemas classificatórios e inclusão de epistemologias marginalizadas. Conclui-se que a aproximação entre HC e OC enriquece a compreensão crítica dos sistemas do saber e recomenda-se maior diálogo teórico-metodológico entre as áreas.

Palavras-chave: História do Conhecimento. Organização do Conhecimento. Sistemas de organização do conhecimento.

INTERSECTIONS BETWEEN THE HISTORY OF KNOWLEDGE AND KNOWLEDGE ORGANIZATION

ABSTRACT

This study examines the intersections between the History of Knowledge and Knowledge Organization, assuming that both fields share theoretical and methodological foundations and complement one another in understanding the production, structuring and circulation of knowledge. A qualitative, theoretical-conceptual method was adopted, based on a critical literature review of classical and contemporary authors from both areas and the analysis of secondary sources such as encyclopédias and reference works in Knowledge Organization. Findings reveal shared concerns, knowledge production, legitimization and retrieval, and show that Knowledge Organization provides practical tools (taxonomies, ontologies, controlled vocabularies and classification systems) while the History of Knowledge offers the temporal and critical framing of epistemic shifts and historical exclusions. The study also identifies challenges and gaps: the need for more integrated methodologies, attention to historical transformations of classificatory schemes and the inclusion of marginalized epistemologies. The paper concludes that rapprochement of these fields enhances critical understanding of knowledge systems and calls for deeper theoretical and methodological dialogue.

Keywords: History of Knowledge. Knowledge Organization. Knowledgeorganization systems.

Recebido em:09/09/2025

Aceito em:03/12/2025

Publicado em:02/02/2026

1 INTRODUÇÃO

A História do Conhecimento (HC) expande as fronteiras da História da Ciência, incorporando múltiplas formas de saber, suas legitimações e exclusões ao longo do tempo. Longe de restringir-se ao conhecimento científico, ocorre, nesta abordagem, a ampliação do escopo da análise histórica sobre a ciência e o seu produto - o conhecimento -, investigando também saberes populares, tácitos, técnicos e outros sistemas epistemológicos. Simultaneamente, a Organização do Conhecimento (OC) atua no campo da Ciência da Informação estruturando os modos pelos quais o conhecimento é classificado, recuperado e representado nos sistemas de informação, arquivos, bibliotecas e ambientes digitais. A OC reflete decisões epistemológicas e históricas, ou seja, como determinadas formas de conhecimento são privilegiadas, enquanto outras podem ser marginalizadas ou invisibilizadas.

Esta pesquisa parte da hipótese de que as duas áreas, HC e OC, compartilham fundamentos teóricos e preocupações metodológicas que as aproximam mais do que se supunha anteriormente. Ambas estão interessadas na forma como o conhecimento é produzido, estruturado, legitimado e distribuído socialmente. Explorando suas intersecções, propõe-se compreender como se articulam epistemologias, tecnologias classificatórias e contextos institucionais ao longo do tempo.

O objetivo geral é investigar as relações entre a História do Conhecimento e a Organização do Conhecimento, identificando como suas abordagens teóricas, metodológicas e históricas a partir da produção e estruturação do conhecimento.

Partimos do seguinte problema de pesquisa: de que modo a História do Conhecimento e a Organização do Conhecimento se articulam como campos complementares na compreensão das formas de produção, organização e circulação do saber ao longo do tempo, e como essas articulações contribuem para o entendimento das dinâmicas epistêmicas contemporâneas?

A justificativa desta pesquisa se baseia no fato de que o avanço das tecnologias da informação e a complexidade dos sistemas de conhecimento têm exigido dos pesquisadores abordagens capazes de compreender tanto os processos históricos de formação do saber quanto os sistemas contemporâneos que o organizam. A aproximação entre História do Conhecimento e Organização do Conhecimento, assim, é uma lente

para analisar as continuidades e rupturas na maneira como o saber é tratado em diferentes contextos. A escassez de estudos que integrem as abordagens desses dois campos evidencia uma lacuna teórica que este trabalho pretende ajudar a preencher, estabelecendo pontes conceituais. Nesta direção, a pesquisa visa contribuir para ampliar o escopo crítico de ambos os campos e para enriquecer o debate sobre as formas como o conhecimento é construído, classificado e utilizado na sociedade.

Em termos metodológicos, essa pesquisa é de natureza qualitativa e teórico-conceitual, baseada em análise de literatura especializada dos dois campos. A seleção dos autores e obras relevantes da História do Conhecimento foi feita no Google Acadêmico, por meio da estratégia de busca “*historyofknowledge*”. Também foi dada atenção especial aos trabalhos de Peter Burke, considerado um dos disseminadores do campo de estudo da HC.

Já a seleção dos autores e obras relevantes da OC foram feitas por meio dos autores com vínculo (ou que tiveram vínculo) com a *International Society for KnowledgeOrganization*(ISKO), uma sociedade internacional interdisciplinar que reúne cerca de 600 profissionais de diversas áreas como, por exemplo, a Ciência da Informação, Filosofia, Linguística, Ciência da Computação, entre outras, e cujo principal objetivo é fornecer meios de comunicação e promoção de pesquisas voltadas para o desenvolvimento e as aplicações de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) que contemplam abordagens filosóficas, psicológicas e semânticas para ordenar e representar o conhecimento. Para identificar esses autores, bem como os conceitos centrais da Organização do Conhecimento no que diz respeito ao objeto deste estudo, foi consultado o site da ISKO e, principalmente, sua enciclopédia oficial¹. Nesse sentido, foram analisadas obras de impacto de autores associados à ISKO.O Quadro 1 lista os autores empregados para discussão sobre o tema da HC.

Quadro 1. Autores mobilizados para discussão sobre o tema da HC

Autor(es)	Ano	Tema
Burke, Peter	2003, 2016	HC
Weingart, Peter	2010	HC

¹ A enciclopédia oficial está disponível neste link: <https://www.isko.org/cyclo/>.



Dupré, Sven; Somsen, Geert	2019	HC
Daston, Lorraine	2017	HC
Felten, Sebastian	2020	HC
Von Oertzen, Christine	2020	HC
Russel, Brooks	2019	HC
Sandoz, Raphaël	2021	HC
Thoren, Persson	2013	HC
Wellisch, Hans	1975	HC

Fonte: os autores (2025).

Na sequência, no Quadro 2, apresenta-se os autores que serão tangenciados na discussão teórica sobre organização do conhecimento.

Quadro 2. Autores mobilizados para discussão sobre o tema da OC

Autor(es)	Ano	Tema
Dahlberg, Ingetraut	1978, 2006	OC
Ranganathan, S. R.	1964	OC
Pearson, David	2010	OC
Chan, Lois Mai; Salaba, Athena	2016	OC
Joudrey; Taylor; Wisser	2018	OC
Smiraglia, Richard	2012, 2015, 2019	OC
Hjørland, Birger	2002, 2008, 2017, 2018, 2021, 2023, 2025	OC
Hjørland&Albrechtsen	1995	OC
Tennis, Joseph	2003	OC
Vignoli; Souto; Cervantes	2013	OC
Bromberg, Carlos	2018	OC
Chaudhry, Abdus Sattar	2016	OC
Segundo et al.	2014	OC



García Gutiérrez, Antonio	2011	OC
Figueiredo & Almeida	2017	OC
Rocha, E.	2012	OC
Argenta, J.	2008	OC
Ferraz & Segurado	2019	OC
Medeiros, A.	2023	OC
ISKO	2025	OC
Rafferty, Pauline	2022	OC

Fonte: os autores (2025).

Nas próximas seções, serão demonstradas as características da HC e da OC a partir da literatura científica.

2 HISTÓRIA DA CIÊNCIA E HISTÓRIA DO CONHECIMENTO

Weingart (2010) nos diz que as disciplinas científicas consideradas hoje como centrais, como Física, Química, Biologia e, no campo das Ciências Sociais, Psicologia, Sociologia e Economia, influenciam a forma como se comprehende a própria ciência, e se interpreta o mundo. Elas se tornaram, de certo modo, estruturas fundamentais da realidade. Contudo, a história mostra que tais divisões são recentes: ganharam sua configuração atual há cerca de duzentos anos, ainda que possuam raízes muito mais antigas.

Muito antes da consolidação dessas disciplinas, filósofos buscaram compreender como organizar e classificar o conhecimento humano. Desde Platão, havia a tentativa de definir não só as formas de conhecimento, mas também os métodos para adquiri-lo. A epistemologia grega já revelava o caráter histórico e mutável dessas classificações. Aristóteles, por exemplo, estabeleceu distinções entre *scientia* (episteme), o conhecimento das causas e razões; e *doxa*, ou opinião, marcada pela subjetividade. Ele também diferenciava o saber prático (*techne*) e as artes (*ars*), destinados à criação e à ação (Weingart, 2010).

Na concepção aristotélica, o saber teórico era obtido pela observação e



contemplação, e subdividia-se em três áreas que podem ser vistas como precursoras das disciplinas modernas: Matemática, Física e Filosofia. A matemática abrangia campos como Geometria, Aritmética, Óptica e Harmonia; a Física tratava da matéria e dos seres vivos, aquilo que hoje chamamos Biologia; e a Filosofia reunia o conhecimento sobre o cosmos e a Teologia. Nesse modelo, o conceito de ciência não incluía ofícios e artes, considerados ligados à ação prática, e não à validade universal do conhecimento (Weingart, 2010).

Já no estoicismo romano, surgido por volta de 300 a.C., desenvolveu-se uma classificação distinta, que incorporava o conhecimento prático. Nessa perspectiva, o saber se dividia em Lógica, Física e Ética. Com o tempo, elementos tanto da tradição aristotélica quanto da estoica foram sendo combinados e adaptados, até se integrarem ao modelo das artes liberais na Idade Média. Este último, considerado a base do ensino superior da época, compreendia sete áreas do saber: Lógica, Retórica, Aritmética, Música, Geometria e Astronomia (Weinberg, 2010).

Este breve apanhado histórico sobre a constituição das disciplinas científicas e do conceito de ciência e de conhecimento ilustra um movimento que tomou muito tempo para acontecer e, enquanto se constituía, deixou de considerar todas as outras formas de conhecimento que não as validadas seguindo certos ritos. Tudo isso é mais ligado ao que se entende como a História da Ciência.

A História do Conhecimento, nesta direção, emergiu como um campo que amplia o escopo da História da Ciência de escopo mais tradicional, investigando, sim, o conhecimento científico, mas também todas as formas de conhecimento ao longo de períodos históricos. A História do Conhecimento deriva da tradição mais ampla da História das Ideias e da História Intelectual, áreas já desenvolvidas desde o século XIX (com autores como Arthur Lovejoy, Ernst Cassirer, entre outros). Peter Burke, especialmente a partir de obras como *Uma História Social do Conhecimento* (2003) e *O Que é História do Conhecimento?* (2016), propõe uma síntese e um enquadramento mais amplo que: coloca o conhecimento dentro de uma perspectiva social e cultural, mostrando como é produzido, transmitido, institucionalizado e também esquecido; enfatiza a relação entre saberes especializados e saberes práticos, conectando ciência, erudição, cultura popular e modos de aprender; e define a História do Conhecimento como um campo autônomo, embora relacionado à História das Ciências, à História das Ideias e à História Cultural. Burke

(2003, 2016) é reconhecimento como acadêmico que deu à HC o nome, visibilidade e método, transformando-o numa linha de pesquisa reconhecida internacionalmente.

Como explica Dupré e Somsen (2019), HC acontece a partir da expansão dos limites da História da Ciência, campo com a qual nutre estreita relação, a partir da investigação desses mesmos limites entre a ciência e outras formas de conhecimento, e entre diferentes formas de ciência e diferentes formas de outros conhecimentos, se constituindo em uma perspectiva mais ampla que permite que os historiadores examinem categorias epistêmicas mais fundamentais e suas inter-relações, questionando como o conhecimento é criado, legitimado e diferenciado da ignorância ou do erro.

O conceito de conhecimento serve como uma categoria analítica unificadora que incide sobre quase todas as esferas da vida humana e, no meio científico, reúne acadêmicos de diversas origens e interesses de pesquisa, como a Filosofia, a Ciência da Informação e a Psicologia. No entanto, essa elasticidade conceitual também cria desafios, visto que o campo corre o risco de se tornar uma reformulação da história da ciência e da erudição, sem desenvolver suas distintas abordagens metodológicas, como aponta Ostling e Heidenblad (2020).

Verburgt (2020) nos diz que os historiadores contemporâneos do conhecimento identificaram dupla responsabilidade: ajudar as pessoas a compreender que cada momento histórico é, de fato, um momento histórico do conhecimento e, ao mesmo tempo, captar o que torna nossa atual Sociedade do Conhecimento única, o que inclui analisar como a relação da sociedade com a ciência e a *expertise* técnica evoluiu, passando da veneração ao questionamento, e examinar os limites, hierarquias e a constituição mútua de diferentes formas de conhecimento (Verburgt, 2020).

Para Daston (2017), a expressão “história do conhecimento” evita discussões inconclusivas sobre o que pode ou não ser considerado ciência. Exemplos como a alquimia helenística, a botânica indígena peruana ou a tecnologia a vapor britânica do início do século XVIII mostram a dificuldade de enquadrar práticas diversas em uma definição única de ciência. Estes três exemplos, mesmo que não seja considerados ciência conforme os padrões atuais determinados, não deixam de ser categorias organizativas da relação do humano com a realidade.

Além disso, a noção de “história do conhecimento” elimina a necessidade de adjetivos problemáticos como “moderno” ou “ocidental”, sem, contudo, equiparar todo

saber de maneira absoluta. Ao dissolver fronteiras imprecisas e ideologicamente carregadas entre “pré-moderno” e “moderno”, abre-se espaço para investigar de forma mais livre os diferentes modos de produção de conhecimento, sem limitar-se a categorias cronológicas rígidas ou eurocêntricas (Daston, 2017). A amplitude do conceito também possibilita abarcar a variedade das disciplinas presentes no mundo contemporâneo, englobando tanto as Humanidades e as Ciências Sociais quanto as Ciências Naturais. Desse modo, a história do conhecimento permite seguir práticas intelectuais e culturais em toda a sua diversidade, independentemente de quão próximas ou distantes estejam daquilo que hoje chamamos de ciência.

Por fim, essa perspectiva abre espaço para descentralizar narrativas que permanecem excessivamente focadas em personagens canônicos e tópicos consagrados na forma como a História da Ciência se constitui enquanto um campo. Enquanto a História da Ciência frequentemente associa práticas a figuras como Robert Boyle, Galileu ou Aristóteles, próximas a uma História Intelectual, a História do Conhecimento busca ampliar o horizonte de análise, indo além do panteão da ciência moderna. Na HC o que mais importa é explorar múltiplas trajetórias, contextos e agentes que produziram saberes de formas variadas, oferecendo um olhar mais inclusivo e menos hierárquico sobre o passado intelectual da humanidade.

3 CONTRIBUIÇÕES DA OC PARA COMPREENSÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A investigação e delimitação de domínios constitui um dos pilares teórico-metodológicos da Organização do Conhecimento (OC), permitindo estruturar o saber produzido por diferentes áreas e comunidades epistêmicas, bem como compreender como essas comunidades se articulam internamente e interagem com outros campos (Hjørland, 2002), interpretação que tem sido importante para o desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs), pois possibilita extrair conceitos a partir de registros documentais e estabelecer relações estruturais, sejam elas hierárquicas ou não, entre esses registros.

Tradicionalmente, muitos estudos em OC concentraram-se no conhecimento registrado em documentos, mas, conforme observa Smiraglia (2015), essa dependência

deixou de ser um critério formal com o avanço de abordagens que buscam compreender a heurística de ordenação de fenômenos naturais, sociais e linguísticos. Tal movimento evidencia tanto a profundidade teórica da OC em relação a outros ramos da Ciência da Informação, quanto seu caráter progressista, como destacam García Gutiérrez (2011), Doyle (2013) e Buckland (2018).

Essa mudança de perspectiva dialoga com um contexto histórico mais amplo: se a História do Conhecimento investiga a transformação das formas de classificação, legitimação e circulação do saber ao longo do tempo, a Organização do Conhecimento, por sua vez, constrói modelos e metodologias que permitem representar e operacionalizar essas formas em sistemas organizacionais concretos. Ambas, portanto, convergem no interesse por entender como se estruturam e se modificam as taxonomias, tipologias, ontologias, vocabulários controlados e sistemas de notação simbólica (Smiraglia, 2015; Dahlberg, 2006), uma vez que a linguagem é o elemento que estrutura as relações sociais.

Outro aporte teórico da OC é a Teoria do Conceito formulada por Dahlberg (1978). Para a autora, a noção de conceito deriva da capacidade humana de descrever e dar forma ao mundo ao seu redor com o objetivo de compreendê-lo. Quando as características de um objeto, qual seja ele, são identificadas e este se constitui como uma unidade inconfundível e unívoca, seja por seus atributos, processos formadores ou fenômenos relacionados, ele pode ser reconhecido como um objeto único no tempo e no espaço. Assim, a definição precisa de um conceito é fundamental para sua identificação e para a construção de sistemas consistentes de organização.

Dahlberg (1978) ressalta que a formulação de um conceito exige a consideração de seus enunciados, entendidos como as características distintivas que o compõem. Cada enunciado corresponde a um elemento do conceito e, reunidos, formam uma unidade estruturada obtida por um método analítico-sintético. Essa estrutura conceitual pode, inclusive, servir de base para nomear conceitos ainda não designados, já que a soma de suas características expressa sua identidade e facilita seu tratamento por SOCs.

O nome atribuído a um conceito é relevante na sua rápida identificação e na determinação de suas relações com outros conceitos. Nas relações hierárquicas, quando dois conceitos possuem características idênticas, mas um deles apresenta características adicionais, estabelece-se uma relação de gênero e espécie. Dahlberg (1978) exemplifica

essa estrutura hierárquica com a sequência: Árvore > Árvore frutífera > Macieira.

Embora essa formulação tenha sido inicialmente desenvolvida em um contexto de sistematização terminológica, sua relevância ultrapassa a aplicação imediata em SOCs. Quando se estabelece critérios para a definição e hierarquização conceitual, a teoria de Dahlberg (1978) oferece uma base metodológica que pode dialogar com os objetivos da História do Conhecimento, especialmente no que se refere à reconstrução e análise de classificações históricas para representação do conhecimento. Nesse panorama, compreender como conceitos foram definidos, nomeados e hierarquizados em diferentes épocas, e como essas mudanças refletem transformações nas formas de saber, constitui um ponto de encontro e ancoragem entre a abordagem estrutural da OC e a perspectiva temporal e contextual da História do Conhecimento.

Ainda no final do século XX, conforme aponta Smiraglia (2012), a OC passou por um processo de reorientação: a busca por sistemas globais, universais e interoperáveis cedeu espaço à análise de domínios específicos, estabelecendo esse enfoque como um de seus paradigmas mais destacados. Hjørland e Albrechtsen (1995) identificam a análise de domínio como abordagem capaz de investigar comunidades de pensamento ou de discurso (entendidos aqui como comunidades de conhecimento), explorando sua cultura de trabalho e divisões internas. Nessa perspectiva, os instrumentos de organização do conhecimento refletem a estrutura e os valores de cada comunidade discursiva, incorporando inclusive elementos de subjetividade dos indivíduos que a compõem.

A partir desse deslocamento, observa-se também um afastamento das abordagens puramente rationalistas em direção a análises facetadas e contextuais, que não se limitam a documentos ou intertextualidade como objetos primários (Smiraglia, 2012). Aí se amplia o escopo da OC, permitindo que praticamente toda atividade humana seja considerada como produção de conhecimento, e, portanto, como passível de organização (Smiraglia, 2015). A definição clara de um domínio é central para sua análise enquanto unidade de construção de SOCs. Um domínio delimitado funciona como base ontológica com teleologia própria, hipóteses compartilhadas e consensos (ou dissensos) epistemológicos, metodológicos e semânticos (Smiraglia, 2015). A História do Conhecimento, nesse sentido, pode contribuir e se aproximar da OC no aspecto de que como essas teleologias e consensos se modificam historicamente, oferecendo insumos para compreender por que determinados esquemas de organização emergiram ou

declinaram em diferentes épocas.

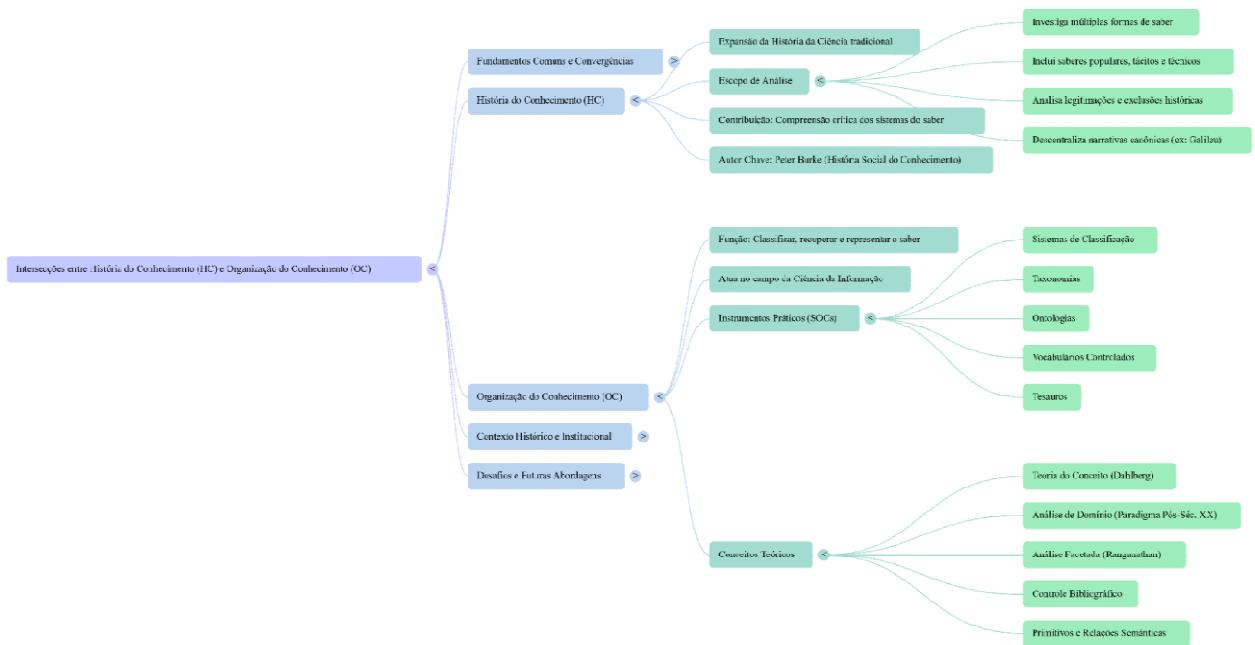
Tennis (2003) oferece dispositivos analíticos relevantes para esse processo. Embora um domínio possa parecer, à primeira vista, uma área de especialização ou um conjunto de práticas e documentos ligados à ciência e à materialidade dos registros, tal definição de senso comum não é suficiente para fins operacionais. Por isso, o autor propõe dois eixos: Áreas de Modulação, que estabelecem parâmetros sobre conceitos, nomenclaturas e extensão de um domínio, e Graus de Especialização, que qualificam e definem sua intenção. Enquanto o primeiro eixo define a cobertura e os limites de um domínio, o segundo ajusta seu recorte e profundidade, permitindo trabalhar com subdomínios e intersecções (Tennis, 2003).

O foco e a intersecção, também descritos por Tennis (2003), oferecem caminhos para compreender domínios em sobreposição como, por exemplo, a Ética Biomédica ou o Pensamento Feminista, o que remete diretamente a fenômenos analisados pela História do Conhecimento, como a formação de novos campos interdisciplinares. Essa interação entre teoria organizacional e perspectiva histórica permite mapear, assim, tanto os arranjos conceituais vigentes, como os processos que os originaram.

Smiraglia (2015) ilustra que a análise de vocabulário compartilhado por uma comunidade, seja na fala cotidiana (o que é importante na HC, uma vez que ela prescinde do registro material) ou em registros escritos, pode revelar sua ontologia implícita e os objetivos coletivos que a orientam. Nesse ponto, as metodologias da OC oferecem ferramentas para a sistematização desses elementos, enquanto a História do Conhecimento fornece o enquadramento temporal e contextual para compreender sua gênese e transformação.

Destaca-se ainda que a OC também tem se beneficiado de abordagens aplicadas, como o uso de ontologias para a estruturação e recuperação da informação (Figueiredo e Almeida, 2017; Rocha, 2012; Argenta, 2008; Ferraz e Segurado, 2019; Medeiros, 2023). Embora essas aplicações se insiram em contextos específicos, elas reafirmam o papel central da OC na construção de instrumentos que, simultaneamente, reflete e moldam as formas de conhecimento, um ponto em que a articulação com a História do Conhecimento pode trazer novos olhares sobre a historicidade e a contingência desses sistemas.

Figura 1. Mapa mental sistematizando os conceitos de HC e OC



Fonte: os autores (2025), com auxílio da ferramenta Notebook LLM.

4 APROXIMANDO ABORDAGENS ENTRE HISTÓRIA DO CONHECIMENTO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

As aproximações conceituais entre a História do Conhecimento e a Organização do Conhecimento podem ser analisadas tomando por base os arcabouços teóricos produzidos pelos pesquisadores dos referidos domínios, uma vez que ambos possuem produções e contribuições significativas acerca da forma como os humanos produzem, estruturam e categorizam ou classificam a informação e o conhecimento. A Organização do Conhecimento, com suas raízes em SOCs, fornece a base metodológica que se conecta ao estudo histórico da formação e legitimação do conhecimento (História do Conhecimento).

4.1 Desenvolvimento histórico dos campos, abordagens metodológicas, ferramentas e aplicações

A evolução histórica dos sistemas de organização do conhecimento está interligada aos contextos institucionais, particularmente às universidades e outros centros de produção de conhecimento (em geral o científico), que serviram como locais primários

para a geração e estruturação do conhecimento. Como observam Segundo *et al.* (2014) a Organização do Conhecimento foi gerada principalmente dentro das universidades, já que é a universidade que se estabelecerá como aquele espaço que enuncia e define cada conhecimento e organiza todas as disciplinas. Por isso, historicamente, elas se destacam como as instituições educacionais que funcionaram como nós centralizados nas redes de conhecimento, determinando quais formas de conhecimento ganham legitimidade e como as disciplinas são categorizadas e relacionadas entre si.

Burke (2003) nos diz que a comercialização e a crescente acessibilidade do conhecimento, impulsionadas pela invenção da imprensa de tipos móveis (em 1450), provocaram transformações nas estruturas acadêmicas, governamentais e sociais da Europa moderna, processo responsável por ampliar o acesso às ideias e informação, mas também alterou as formas de produção, circulação e valorização do conhecimento. No campo acadêmico, a imprensa foi decisivo na reestruturação e diferenciação do conhecimento. Ao facilitar o confronto entre explicações alternativas e a comparação de fontes, fomentou o ceticismo e estimulou a reorganização de currículos, bibliotecas e enciclopédias ou bibliografias, como a de Konrad Gessner (1516-1565) que, em 1545 editou a "*Bibliotheca universalis*", obra que tinha a intenção de realizar uma lista de todos os livros impressos no mundo (Wellisch, 1975; Burke, 2003).

Para Burke (2003), nesse contexto, novas disciplinas, como História, Geografia, Química e Economia Política, consolidaram-se e, muitas vezes, se fragmentaram em especializações, fenômeno que alguns estudiosos descrevem como “balcanização” do saber. Paralelamente, ocorreu uma inversão na hierarquia entre o conhecimento liberal e o conhecimento útil. O saber prático de mercadores e artesãos, antes considerado inferior, passou a ganhar espaço e legitimidade nas universidades, com a valorização do conhecimento aplicado, da Engenharia e da Economia Política. A imprensa também abriu novas oportunidades profissionais, como as de impressores, revisores, tradutores e escritores, e incentivou a criação de instituições científicas, como academias e sociedades que, à margem ou em diálogo com as universidades tradicionais, consolidaram a pesquisa e a inovação. Nesse cenário, emergiram ainda debates sobre autoria, plágio e propriedade intelectual, em meio à transformação do conhecimento em mercadoria, o que deu origem tanto a direitos autorais e patentes quanto a críticas à autopromoção de estudiosos. Esse processo legitimava certos tipos de conhecimento

úteis e científicos em detimentos de outros, como os populares, frequentemente relegando-os a heresia e misticismo (Russel, Brooks, 2019).

As estruturas governamentais também se transformaram a partir da lógica da instrumentalização da informação e do conhecimento. Os Estados modernos passaram a investir na coleta, organização e recuperação sistemática de informações sobre seus povos e territórios, o que resultou na centralização e no fortalecimento da burocracia, em um processo que levou à consolidação do chamado “Estado do papel” (Burke, 2003).

No âmbito cultural e social, aponta Burke (2003), as mudanças a partir da maior circulação dos diferentes tipos de conhecimento foram especialmente marcantes. A imprensa barateou e multiplicou os livros, favorecendo a alfabetização e a formação de uma cultura de leitura mais ampla. O surgimento dos periódicos, mais acessíveis e atrativos que os livros, aproximou ainda mais o conhecimento de um público diverso, incentivando práticas de leitura extensiva. Esses impressos contribuíram para o surgimento de uma esfera pública, na qual jornais, revistas, cafés e salões se tornaram espaços de debate, dando origem à opinião pública (Burke, 2003).

A convivência com múltiplas fontes de informação, muitas vezes contraditórias, estimulou o ceticismo e enfraqueceu a autoridade absoluta das tradições, reforçando o empirismo e o método experimental como caminhos privilegiados de validação do saber. Nesse mesmo espírito, obras de referência como enciclopédias, dicionários, atlas e bibliografias proliferaram, oferecendo instrumentos para lidar com a crescente massa de informações. Além disso, a valorização de saberes plurais levou ao reconhecimento de conhecimentos locais e práticos, como os de artesãos, parteiras e curandeiros, que passaram a ser estudados e, em alguns casos, integrados ao conhecimento acadêmico (Burke, 2003).

Neste contexto de surgimento de obras de referência como enciclopédias, dicionários, atlas e bibliografias, bem como da evolução da forma como o conhecimento é comunidade e preservado, a Organização do Conhecimento se ocupou de estabelecer conceitos fundamentais para compreender a estruturação e produção do conhecimento, bem como para sua posterior organização e recuperação. Esses conceitos incluem: Controle bibliográfico, referente ao processo que torna documentos/recursos de informação úteis localizáveis para aqueles que possam precisar deles, mas não tenham conhecimento, ou tenham conhecimento insuficiente, sobre sua identidade, o que inclui

um conhecimento necessário sobre uma comunidade e o saber produzido e utilizado por aquele comunidade. (Pearson, 2010). Ou seja, o conceito refere-se a uma lista abrangente e pesquisável de toda a produção científica em um determinado campo, seja de determinado país, autor, ou outras formas de entrada e busca (Pearson, 2010).

No cenário contemporâneo, o termo é frequentemente usado como sinônimo de organização da informação (ou organização bibliográfica ou da própria Organização do Conhecimento, OC) (Chan e Salaba, 2016; Joudrey, Taylor e Wisser, 2018). A concepção e noção de “Conceito”, como já mencionado anteriormente ao citar a obra de Dahlberg (1978), que oferece recursos para compreender a forma como os objetos se tornam singulares e identificáveis no espaço tempo e serve de base para muitos SOCs e estudos que buscam compreender formas de organizar e tornar o conhecimento recuperável.

A compreensão de Faceta, ou análise facetada, introduzida por Ranganathan (1964) que define o termo no campo da Organização do Conhecimento em meados do século XX como um recurso para organização de coleções de documentos e identificação e tratamento temático de assuntos complexos. No cenário atual da cultura digital, elas atuam como filtros para facilitar a navegação e melhorar a recuperação da informação, bem como se configuram como um campo em atual disputa, uma vez que uma caracterização definitiva do conceito ainda não foi estabelecida (Raghavan, 2024). Ainda os conceitos de Primitivos semânticos e Relação semântica, sendo que o primeiro se refere a um conjunto de conceitos básicos e atômicos a partir dos quais todos os outros conceitos (compostos) são construídos, partindo do pressuposto de que o princípio da composicionalidade de que itens ou expressões complexas podem ser formados pela combinação de constituintes mais simples (Hjørland, 2025). Ambas as noções são centrais para a Organização do Conhecimento, onde os conceitos são entendidos como os principais objetos de organização em SOCs (Hjørland, 2025).

Primitivas semânticas, portanto, são candidatas significativas de unidades fundamentais em tais sistemas e desempenham papéis importantes em áreas como processamento automático de linguagem, lexicografia, desambiguação do sentido das palavras e inteligência artificial (Hjørland, 2025). Já a Relação semântica se relaciona com as Primitivas semânticas ao se configurar como um campo de estudo dos níveis de relações parte-todo, onde as primitivas são elementos que podem ser combinados para formar todos e são analisadas e estabelecidas as relações entre esse todo, resultando no

triângulo semiótico a partir do qual três níveis dessas relações parte-todo são distinguidas: (A) o nível ontológico, (B) o nível conceitual ou semântico e (C) o nível linguístico/semiótico (Hjørland, 2025).

A OC ainda possui como conceitos centrais termos que, em contextos ou áreas mais gerais podem ganhar significados amplos, mas que na OC recebem significados atribuídos a SOCs epistemologias sobre o próprio surgimento, estruturação e compreensão da ciência e seus enunciados, como: subject (ofdocuments ou assunto (dos documentos) ou ainda tema; Work ou Obra (no sentido FRBR/FIC: Work = Obra); Gênero; Hierarquia; Disciplina; Documento; Dados, Informação e o próprio Conhecimento e a “Ciência” (Hjørland, 2017; Smiraglia, 2019; Rafferty, 2022). Esse universo conceitual da OC também se manifesta em disciplinas especializadas e em áreas do conhecimento que possuem contribuições significativas para a compreensão do conhecimento científico e da sua história, bem como são campos de atuação de parte de pesquisadores da OC, como Arquivologia, Bibliografia, Recuperação da Informação, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Metafísica e Ontologia e Terminologia (Hjørland 2018; Hjørland, 2021; Hjørland, 2023).

A OC também se debruçou no desenvolvimento de SOCs ao longo deste período que ajudaram a tornar acessível o conhecimento produzido pela humanidade como Sistemas de classificação, Folksonomia, Ontologias (como SOCs), Sistema de cabeçalhos de assunto, tesauros, entre outros (Vignoli; Souto; Cervantes, 2013, ISKO, 2025). Compreende-se que, embora a HC e a OC compartilhem de movimentos epistemológicos parecidos, no que tange a preocupação com a preservação e recuperação do conhecimento, existem também rupturas entre suas intercepções, uma vez que o domínio da OC é constituído a partir de uma comunidade que se preocupa com estudos que busquem descrever, representar, arquivar e organizar tanto documentos e representações documentais como assuntos e conceitos, tanto por seres humanos quanto por programas de computador (Hjørland, 2008). Essa especificidade representa uma ruptura entre a OC e a HC, sendo que o arcabouço teórico, conceitual e instrumental da OC pode inclusive servir de recurso para compreender a próprio epistemologia da HC, como de diversas outras áreas do conhecimento, fazendo da OC uma área que se distingue tanto pelo seu escopo teórico quanto instrumental e suas possibilidades de aplicabilidade.



A História do Conhecimento oferece abordagens metodológicas para a compreensão dessas tensões históricas entre o conhecimento legitimado e o relegado a lugares de inferioridade, também examinando como certas formas de conhecimento ganham ou perdem destaque ao longo do tempo. Hammar (2018) sugere que os acadêmicos se concentrem em como, quando e (possivelmente) por que uma determinada forma de conhecimento aparece ou desaparece e com que efeito, enquanto também investigam por que determinado conhecimento, aparentemente em desacordo com seu meio histórico, social e cultural, permanece válido e hegemônico diante da oposição. Reconhece-se que a evolução dos sistemas de organização do conhecimento reflete uma luta discursiva sobre o valor do conhecimento científico como válido, que molda como o status do conhecimento dominante, rival, coexistente, contemporâneo é alterado ao longo do tempo (Hammar, 2018).

Os arcabouços metodológicos que sustentam tanto a História do Conhecimento quanto a Organização do Conhecimento, assim, revelam uma convergência em suas abordagens de pesquisa e ferramentas analíticas. Ambos os campos se baseiam na análise histórica de materiais textuais, práticas de classificação e, cada vez mais, métodos digitais para examinar as estruturas do conhecimento e sua evolução. As encyclopédias emergiram como recursos particularmente interessantes para rastrear mudanças conceituais, pois se esforçam para capturar tais estruturas e serviram efetivamente como espelhos (obviamente imperfeitos) (Luo, Rumshisky, Gronas, 2015) das estruturas de conhecimento de dado tempo histórico.

Em contextos burocráticos, ambos os campos empregam o que Felten e Von Oertzen (2020) chamam de ferramentas do conhecimento, incluindo notações, tecnologia, instrumentos tecnológicos, suporte de papel e outras formas de circunscrição de dados e informação. Mesmo o conhecimento oral precisa de transmissão, que se dá sobre suportes (a voz, uma gravação, etc). Os arquivos e bibliotecas, dessa forma, são elementos importantes, pois funcionam como depositários de dados, informação e conhecimento, e como estruturas inseridas na ação, que proporcionam coerência nas atitudes entre indivíduos, espaço e tempo, funcionam como uma espécie de autoimagem de uma burocracia, da academia, de uma sociedade letradas (Felte, Von Oertzen, 2020). E cada vez mais esses espaços abrem espaços a outras formas de pensar e interpretar o mundo.

A Organização do Conhecimento tradicionalmente emprega esquemas de classificação influenciados principalmente por tradições filosóficas e, posteriormente, baseados principalmente no princípio da garantia literária. Nesse contexto, literatura acadêmica e científica era vista como representando fatos sobre o conhecimento e suas estruturas. As principais ferramentas metodológicas incluem elementos de catalogação que consistem em descrição bibliográfica, análise de conteúdo e classificação (Bromberg, 2018).

O desenvolvimento teórico em Organização do Conhecimento se baseia cada vez mais em perspectivas multidisciplinares. Chaudhry (2016) ressalta que é necessário desenvolver o pensamento teórico da inter-relação entre OC e HC com foco em conceitos relacionados à história e ao desenvolvimento de códigos e esquemas anteriores de conhecimento, enquanto se adquire uma perspectiva multidisciplinar por meio da aprendizagem de conceitos de outras áreas e de outras maneiras de conhecer a realidade que não apenas a científica.

As aplicações práticas da História do Conhecimento e da Organização do Conhecimento convergem mais visivelmente em ambientes institucionais onde o conhecimento deve ser sistematicamente gerenciado, preservado e disponibilizado. As universidades são os principais locais onde essas disciplinas se desenvolvem teoricamente, mas também encontram aplicação prática em modelos de gestão do conhecimento. Como instituições de ensino e pesquisa, as universidades aplicam princípios organizacionais que refletem tanto as necessidades contemporâneas quanto as trajetórias históricas do desenvolvimento do conhecimento. A organização do conhecimento nesses contextos atende ao duplo propósito de estruturar a informação existente e, ao mesmo tempo, permitir o engajamento crítico com esquemas organizacionais estabelecidos, questionando o lugar de cada forma de conhecimento em uma constelação de saber que é maior e superior às classificações propostas ao longo da história no que tange ao que é válido ou não. Assim, a partir do momento em que se abre a perspectiva para a História do Conhecimento, é necessário refletir sobre a validade e qual e lugar ocupa outras formas de conhecimento não historicamente validadas.

Bibliotecas e arquivos representam outro contexto institucional importante, onde os arcabouços teóricos de ambos os campos enfrentam desafios de implementação prática. É possível dizer que esses dois modelos de instituição funcionam como manifestações

físicas de sistemas de organização do conhecimento, onde classificações e todo o processo de tratamento pelo qual passam seus documentos oriundos de uma cultura humana que é material, moldam a forma como os sujeitos acessam e se envolvem com materiais históricos que refletem outras ideias, visões de mundo e interpretações da realidade. Há que se pensar qual lugar ocupa neste esquema o conhecimento que não foi historicamente privilegiado, por não ser acadêmico-científico. Esse é um movimento que as disciplinas científicas em diferentes áreas têm se ocupado cada vez mais e isso se reflete numa ampliação conceitual na forma como o conhecimento é compreendido que aproxima mais e mais a HC da OC e vice-versa. Ou seja, elas convergem.

Ambas as disciplinas compartilham o interesse em examinar a evolução da representação do conhecimento. Historicamente, a organização do conhecimento era visualizada por meio de metáforas em forma de árvore, que enfatizavam relações hierárquicas e uma natureza unitária do conhecimento. Alfonso-Goldfarb, Waisse e Ferraz (2018) descrevem como essas representações evoluíram, crescendo em complexidade. Essa figura pretendia enfatizar a suposta natureza unitária do conhecimento, uma crença mantida até o final do século XIX. À medida que o conhecimento se expandiu e se diversificou ao longo do século XX, esses modelos hierárquicos deram lugar a modelos de rede, oferecendo mais possibilidades de acoplamento e extensão, também proporcionando melhores perspectivas para a análise da transformação de conceitos ao longo do tempo (Alfonso-Goldfarb, Waisse, Ferraz, 2018).

A História do Conhecimento sugere estruturas analíticas que ajudam a contextualizar sistemas organizacionais dentro de narrativas históricas mais amplas. Sarasin (2020) destaca esse potencial ao questionar se o conhecimento como conceito poderia funcionar como uma estrutura analítica unificadora. Para Sarasin (2020) História do Conhecimento é mais do que um campo de estudo de interesse específico, poderia ser algo tão abrangente quanto a História Política, História Social ou História Cultural. Uma vez tomando isso como mote, a perspectiva permite que se compreenda como os sistemas de organização do conhecimento refletem e reforçam as prioridades epistêmicas de diferentes períodos históricos.

Os fundamentos teóricos de ambos os campos, HC e OC, se cruzam no reconhecimento da organização do conhecimento como uma necessidade nascida a partir da complexidade. Garcia-Marco (2016) explica que o conhecimento deve ser organizado,

porque, de outra forma, não pode ser recuperado e reutilizado, observando que organizar é um trabalho que cresce em complexidade e custos em proporção direta ao tamanho e à granularidade do domínio a ser ordenado.

Na pesquisa acadêmica contemporânea, por exemplo, ambos os campos compartilham preocupações sobre o gerenciamento da sobrecarga de informações por meio de uma organização eficaz. Esse, no entanto, não é o único fim da HC, já que para além do conhecimento científico existem outros sistemas de conhecimento organizativos da realidade, por exemplo, epistemologias indígenas ou populares. Sandoz (2021) nos diz que em um mundo de sobrecarga de informações, organizar a estrutura temática do conhecimento de forma coerente e justa parece mais importante do que nunca, destacando os fundamentos filosóficos da organização do conhecimento.

Essas dimensões filosóficas conectam-se às discussões sobre interdisciplinaridade e o impacto da estrutura disciplinar na unidade da ciência (Sandoz, 2021; Thoren, Persson, 2013), por exemplo, questões sumárias para as análises de ambos os campos sobre como o conhecimento é estruturado e transferido através das fronteiras disciplinares.

Já se viu que a organização do conhecimento humano em disciplinas científicas modernas é fruto de um longo processo histórico. Aqui, soma-se que não pode ser entendida como natural ou definitiva. As fronteiras que hoje delimitam campos são, em grande medida, construções arbitrárias que refletem contextos sociais, culturais e institucionais específicos. Embora essas divisões tenham utilidade prática, pois permitem especialização, desenvolvimento metodológico e aprofundamento teórico, elas também impõem limites artificiais ao fluxo contínuo do saber (dentro e fora de espaços de validação institucional), que frequentemente atravessa fronteiras disciplinares.

A arbitrariedade das divisões modernas fica ainda mais evidente quando observamos os pontos de contato entre as disciplinas. A Bioquímica, a Psicobiologia ou a Sociofísica, por exemplo, revelam fenômenos de conhecimento que não obedecem às fronteiras institucionais estabelecidas. O próprio avanço no conhecimento frequentemente depende da capacidade de atravessar tais limites, gerando campos interdisciplinares e híbridos e de agregar epistemologias marginalizadas ao seu escopo. Fica claro que a natureza dos objetos de estudo e de produção de conhecimento e saber é mais complexa

do que as categorias de qualquer tipo criadas para classificá-los, e que o conhecimento humano não se deixa reduzir a limites, frequentemente tensionando-os.

Outro aspecto que reforça esse caráter arbitrário é o papel das instituições acadêmicas e dos sistemas de ensino na consolidação das disciplinas e validação dos conhecimentos que terão espaço institucionalizado e legitimação para serem perpetuados. Currículos universitários, associações científicas e periódicos especializados foram decisivos para legitimar fronteiras disciplinares e determinar quais saberes seriam reconhecidos como científicos na estrutura social contemporânea. Embora necessária para organizar a produção do conhecimento, a institucionalização também cristalizou divisões que podem perder sentido diante de novos desafios e problemas globais, como as mudanças climáticas, que exigem abordagens trans, inter, multi e pluridisciplinares.

Neste âmbito, a classificação do conhecimento em diferentes ciências modernas deve ser vista mais como uma convenção histórica, sobre a qual incidem certas agências e pressões, do que como reflexo de uma ordem natural, uma vez que todo o conhecimento que emerge sobre a realidade pode ser entendido como natural. Essa organização nos ajuda a organizar o saber e a formar especialistas, mas não deve ser confundida com uma estrutura definitiva do mundo.

Para compreender de maneira mais precisa as intersecções entre a História do Conhecimento (HC) e a Organização do Conhecimento (OC), elaboramos categorias analíticas que sintetizam os campos ao mesmo tempo em que possam operar simultaneamente nos dois campos. Embora cada área possua tradições teóricas e metodológicas próprias, ambas compartilham preocupações estruturais já apresentadas. Assim, a seguir propõe-se um conjunto de dimensões convergentes capazes de oferecer um arcabouço comparativo que evidencia pontos de contato entre HC e OC e as complementaridades que emergem quando esses campos são analisados em diálogo.

Quadro 3. Convergências entre HC e OC

Dimensão	HC (História do Conhecimento)	OC (Organização do Conhecimento)	Relação de convergência entre HC e OC
----------	-------------------------------	----------------------------------	---------------------------------------



Produção do conhecimento	Analisa quem produz conhecimento em cada época, em que contextos culturais, sociais e institucionais; considera mudanças no estatuto do saber (ex.: artesãos, cientistas, eruditos, comunidades locais).	Estuda a produção de conceitos, termos, classes e sistemas de organização; define critérios de criação e delimitação de conceitos e domínios.	HC explica contextos históricos de produção; OC operacionaliza formas de estruturar essa produção em sistemas formais.
Circulação do conhecimento	Investiga como ideias circulam entre grupos sociais, países, instituições, mídias e temporalidades (ex.: manuscritos, impressos, redes acadêmicas).	Estuda como o conhecimento é difundido via sistemas de recuperação, indexação, vocabulários controlados, ontologias e classificações.	HC analisa como o conhecimento circulou; OC define como essa circulação pode ser organizada, recuperada e ampliada.
Legitimização do conhecimento	Analisa quem tem autoridade para definir o que é conhecimento válido em cada época; examina hierarquias entre saber especializado, prático, popular, indígena etc.	Trabalha com critérios formais de autoridade, normalização, garantia literária, políticas de catalogação e validação disciplinar.	HC estuda mudanças históricas nas formas de legitimação; OC formaliza mecanismos técnicos dessa legitimação.
Classificação e estruturação do saber	Estuda classificações históricas (árvores do saber, encyclopédias, taxonomias antigas), como elas mudam e quais epistemologias expressam.	Desenvolve sistemas formais de classificação, facetas, relações semânticas, taxonomias e ontologias.	HC explica de onde vêm os sistemas; OC cria como funcionam operacionalmente.
Materialidade e documentação	Examina os suportes materiais da cultura escrita e científica (manuscritos, livros, periódicos, arquivos), e como moldam o conhecimento.	Foca na descrição, representação, indexação e preservação de documentos, metadados e entidades informacionais.	HC revela trajetórias materiais do conhecimento; OC transforma essas materialidades em estruturas organizacionais.
Comunidades de conhecimento	Analisa comunidades históricas que geram e mantêm saberes (academias, guildas, universidades, comunidades indígenas, redes científicas).	Estuda domínios, comunidades discursivas, suas teleologias e práticas de produção conceitual (análise de domínio).	HC estuda formação e mudança dessas comunidades; OC modela como seu discurso se reflete nos sistemas de organização.
Tecnologias e instrumentos de organização do conhecimento	Olha para evoluções tecnológicas que transformam o conhecimento (imprensa, digitalização, redes digitais).	Examina tecnologias usadas para classificar e recuperar conhecimento (SOCs, ontologias, tesauros, folksonomias, algoritmos de busca).	HC explica como tecnologias reorganizam saberes; OC cria ferramentas que operam essa reorganização no presente.

Fonte: os autores (2025).

A identificação dessas dimensões evidencia que HC e OC não são campos isolados, se reforçando mutuamente na análise do conhecimento enquanto construção



histórica, social e operacional. Por meio da articulação entre ambas, torna-se possível compreender tanto a historicidade dos sistemas de ordenamento quanto a materialidade das práticas que estruturam o saber.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs-se a investigar as profundas e complexas relações entre a História do Conhecimento (HC) e a Organização do Conhecimento (OC), partindo da hipótese de que ambas as áreas compartilham fundamentos teóricos e preocupações metodológicas que as aproximam de maneira mais significativa do que tradicionalmente se supunha.

O objetivo geral foi investigar as relações entre a História do Conhecimento e a Organização do Conhecimento, identificando como suas abordagens teóricas, metodológicas e históricas a partir da produção e estruturação do conhecimento. Ao longo deste estudo, ficou evidente que a intersecção entre HC e OC oferece uma lente para analisar as continuidades e rupturas na maneira como o saber é tratado em diferentes contextos históricos e contemporâneos, preenchendo uma lacuna teórica na literatura e enriquecendo o debate sobre a construção, classificação e uso do conhecimento na sociedade.

A História do Conhecimento emergiu como um campo que expande o escopo da História da Ciência tradicional. Longe de se restringir ao conhecimento científico, a HC incorpora uma multiplicidade de formas de saber, incluindo os populares, tácitos, técnicos e outros sistemas epistemológicos, investigando suas legitimações e exclusões ao longo do tempo. Descentraliza-se as narrativas frequentemente focadas em personagens canônicos e tópicos consagrados da História da Ciência, buscando explorar múltiplas trajetórias, contextos e agentes na produção de saberes.

Nesta direção, a HC, ao evitar discussões inconclusivas sobre o que pode ou não ser considerado ciência. Em sua dupla responsabilidade, os historiadores do conhecimento buscam tanto ajudar as pessoas a compreender que cada momento histórico é um momento histórico do conhecimento, quanto captar a singularidade da nossa atual Sociedade do Conhecimento, analisando a evolução da relação social com a ciência e a expertise técnica.

Paralelamente, a Organização do Conhecimento atua no campo da Ciência da Informação, estruturando os modos pelos quais o conhecimento é classificado, recuperado e representado em diversos sistemas, desde arquivos e bibliotecas até ambientes digitais. A OC reflete decisões epistemológicas e históricas, evidenciando como certas formas de conhecimento são privilegiadas, enquanto outras podem ser marginalizadas ou invisibilizadas.

A disciplina passou por uma reorientação no final do século XX, com a busca por sistemas globais e universais cedendo espaço à análise de domínios específicos. Essa mudança de perspectiva permitiu à OC ampliar seu escopo, considerando praticamente toda atividade humana como produção de conhecimento passível de organização. A Teoria do Conceito de Dahlberg (1978) ilustra a importância da definição precisa e hierarquização conceitual para a construção de sistemas consistentes de organização, oferecendo uma base metodológica que dialoga diretamente com a HC na reconstrução e análise de classificações históricas.

As intersecções entre HC e OC são multifacetadas, nesta perspectiva. Ambas as áreas compartilham um interesse intrínseco em como o conhecimento é produzido, estruturado, legitimado e distribuído socialmente. Enquanto a HC investiga a transformação das formas de classificação e legitimação do saber ao longo do tempo, a OC constrói modelos e metodologias para representar e operacionalizar essas formas em sistemas organizacionais concretos.

Essa convergência se desenvolve no interesse por entender a evolução de taxonomias, tipologias, ontologias e vocabulários controlados, com a linguagem servindo como elemento estruturante das relações sociais em torno do conhecimento. A análise de domínio, por exemplo, um dos paradigmas da OC, investiga comunidades de pensamento e discurso, e a HC pode contribuir neste âmbito ao elucidar como as teleologias e consensos dessas comunidades se modificam historicamente, explicando a emergência ou declínio de esquemas organizacionais em diferentes épocas.

A HC oferece as ferramentas metodológicas para compreender essas tensões, examinando como o conhecimento é legitimado, perde ou ganha destaque, e como o status de diferentes tipos de conhecimento é alterado ao longo do tempo. Em termos de metodologias e ferramentas, HC e OC revelam uma sinergia. Ambos os campos se apoiam na análise histórica de materiais textuais, práticas de classificação e,

crescentemente, métodos digitais para examinar as estruturas do conhecimento e sua evolução.

No entanto, a necessidade de desenvolver um pensamento teórico da inter-relação entre OC e HC com foco na história de códigos e esquemas de conhecimento, tanto anteriores quanto contemporâneos é ressaltada como um dos construtos deste texto, assim como a aquisição de uma perspectiva multidisciplinar que inclua outras formas de conhecer a realidade, para além da científica.

Os fundamentos teóricos de ambos os campos se cruzam no reconhecimento da organização do conhecimento como uma necessidade intrínseca à complexidade do saber, seja ele de qualquer tipo.

Por fim, a aproximação entre História do Conhecimento e Organização do Conhecimento é uma necessidade epistêmica e metodológica para a compreensão das dinâmicas do saber em nossa sociedade complexa. Neste cenário, a HC oferece a profundidade contextual e crítica para desvendar as origens e as implicações das classificações, enquanto a OC fornece as ferramentas e modelos para articular e operacionalizar essas estruturas.

Juntas, ampliam a compreensão dos processos históricos e contemporâneos de formação do saber e capacitam os sujeitos do conhecimento a questionar os esquemas organizacionais estabelecidos, valorizando outras formas de epistemologias e promovendo uma visão mais inclusiva e menos hierárquica do vasto universo do conhecimento humano.

REFERÊNCIAS

ALFONSO-GOLDFARB, Ana M.; WAIFFE, Silvia; FERRAZ, Márcia HM. New proposals for organization of knowledge and their role in the development of databases for history of science. **Circumscribere International Journal for the History of Science**, v. 21, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/circumhc/article/view/37037>. Acesso em: 09 set. 2025.

ARGENTA, Paulo André. **Ontologia da linguagem e a ciência política**: análise crítica dos possíveis vínculos. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciência Política) — Curso de Ciência Política, Universidade do Legislativo Brasileiro (Unilegis) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasília, 2008. Disponível em:<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/161445>. Acesso em: 09 set.

2025.

BROMBERG, Carla. History of science: the problem of cataloging, knowledge indexing and information retrieval in the digital space. **Circumscribere International Journal for the History of Science**, v. 21, p. 41-55, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/circumhc/article/view/37404>. Acesso em: 09 set. 2025.

BUCKLAND, Michael. Document theory. **Knowledge Organization**, v. 45, n. 5, p. 425-436, 2018. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/de/10.5771/0943-7444-2018-5-425/document-theory-jahrgang-45-2018-heft-5?page=1>. Acesso em: 09 set. 2025.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BURKE, Peter. **O que é história do conhecimento?** São Paulo: Editora Unesp, 2016.

CHAN, Lois Mai; SALABA, Athena. **Cataloging and Classification: An Introduction**. 4. ed. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2016.

CHAUDHRY, Abdus Sattar. Re-conceptualization of knowledge organization: Imperatives of networked resources and digitization. **International Journal of Knowledge Content Development & Technology**, v. 6, n. 2, 2016. Disponível em: <https://ijkcdt.journals.publicknowledgeproject.org/ijkcdt/index.php/ijkcdt/article/view/92>. Acesso em: 09 set. 2025.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, 1978.

DASTON, Lorraine. The history of science and the history of knowledge. **KNOW: A Journal on the Formation of Knowledge**, v. 1, n. 1, p. 131-154, 2017.

DOYLE, Ann Mary. **Naming, claiming, and (re)creating: Indigenous knowledge organization at the cultural interface**. 2013. Tese (Doutorado) — University of British Columbia, 2013. Disponível em: <https://open.library.ubc.ca/soa/clRcle/collections/ubctheses/24/items/1.0073667>. Acesso em: 09 set. 2025.

DUPRÉ, Sven; SOMSEN, Geert. The history of knowledge and the future of knowledge societies. **Berichte zur Wissenschaftsgeschichte**, v. 42, n. 2-3, p. 186-199, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/bewi.201900006>. Acesso em: 09 set. 2025.

FELTEN, Sebastian; VON OERTZEN, Christine. Bureaucracy as knowledge. **Journal for the History of Knowledge**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://journalhistoryknowledge.org/article/view/11163>. Acesso em: 09 set. 2025.

FERRAZ, Cláudia Pereira; SEGURADO, Rosemary. Etnografia Digital e a Ontologia Política como Eixo Epistemológico. In: **Encontro Anual ANPOCS**, 43., 2019, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPOCS, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338434750_Etnografia_Digital_e_a_Ontologi

a [Política como Eixo Epistemológico](#). Acesso em: 09 set. 2025.

FIGUEIREDO, Frederico de Carvalho; ALMEIDA, Fernanda Gomes. Ontologias em ciência da informação: um estudo bibliométrico no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 46, n. 1, p. 1-12, 2017. Disponível em:<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4011>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Desclassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. **Transinformação**, v. 23, p. 05-14, 2011. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/tinf/a/89vfV6PdSJjGkRMrr56GqvJ/?lang=en>. Acesso em: 18 mar. 2025.

HAMMAR, Isak. A conflict among geniuses: challenges to the classical paradigm in Sweden, 1828–1832. **History of Education**, v. 48, n. 6, p. 713-730, 2019. Disponível em:<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0046760X.2018.1543458>. Acesso em: 09 set. 2025.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: Domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995. Disponível em:[https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199507\)46:6%3C400::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-Y](https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1097-4571(199507)46:6%3C400::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-Y). Acesso em: 09 set. 2025.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches—traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002. Disponível em:https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220410210431136/full/html?fu_II. Acesso em: 09 set. 2025.

HJØRLAND, Birger. Semantic primitives and compositionality: An Annual Review of Information Science and Technology (ARIST) paper. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, 2025. Disponível em:<https://doi.org/10.1002/asi.70011>. Acesso em: 09 set. 2025.

HJØRLAND, Birger. Subject (of documents). **Knowledge Organization**, v. 44, n. 1, p. 55-64, 2017. Disponível em:<https://www.imrpress.com/journal/KO/44/1/10.5771/0943-7444-2017-1-55>. Acesso em: 09 ago. 2025.

HJØRLAND, Birger. Library and Information Science (LIS). Part 1. **Knowledge Organization**, v. 45, n. 3, p. 232-254, 2018. Disponível em:<https://www.imrpress.com/journal/KO/45/3/10.5771/0943-7444-2018-3-232>. Acesso em: 09 ago. 2025.

HJØRLAND, Birger. Terminology. **Knowledge Organization**, v. 50, n. 2, p. 111-127, 2023. Disponível em:<https://www.imrpress.com/journal/KO/50/2/10.5771/0943-7444-2023-2-111>. Acesso em: 09 set. 2025.

HJØRLAND, Birger. /nformation Retrieval and Knowledge Organization: A Perspective from the Philosophy of Science. **Information**, v. 12, n. 3, 2021. Disponível

em:<https://doi.org/10.3390/info12030135>. Acesso em: 09 ago. 2025.

HJØRLAND, Birger. "What is Knowledge Organization (KO)?" **Knowledge Organization** 35, v. 2, p. 86-101, 2008. Disponível em: <https://www.nomos-eibrary.de/document/download/pdf/uuid/89dd10c7-f5ad-3eae-9e8c-c7778a3c29d3>. Acesso em: 09 ago. 2025.

ISKO – INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION. **ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization (IEKO)**. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/>. Acesso em: 09 set. 2025.

JOUDREY, Daniel N.; TAYLOR, Arlene G.; WISSER, Katherine M. **The Organization of Information**. 4. ed. Santa Barbara, CA: Libraries Unlimited (ABC-CLIO), 2018.

LUO, Yen-Fu; RUMSHISKY, Anna; GRONAS, Mikhail. Catching the Red Priest: Using Historical Editions of Encyclopaedia Britannica to Track the Evolution of Reputations. In: **Proceedings of the 9th SIGHUM Workshop on Language Technology for Cultural Heritage, Social Sciences, and Humanities (LaTeCH)**. 2015. p. 1-9. Disponível em: <https://aclanthology.org/W15-3701.pdf>. Acesso em: 09 set. 2025.

ÖSTLING, Johan; HEIDENBLAD, David Larsson. Fulfilling the Promise of the History of Knowledge: Key Approaches for the 2020s. **Journal for the History of Knowledge**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://journalhistoryknowledge.org/article/download/11159/12114>. Acesso em: 09 set. 2025.

MARCO, Francisco Javier Garcia. The evolution of thesauri and the history of knowledge organization: Between the sword of mapping knowledge and the wall of keeping it simple. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 10, n. 1, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5376140>. Acesso em: 09 set. 2025.

MEDEIROS, Jackson da Silva. Sobre o político da informação: algumas considerações sobre a ontologia digital. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. esp2, p. 549-562, 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/6779>. Acesso em: 09 set. 2025.

PEARSON, David. Bibliographical Control. In: SUAREZ, Michael Felix; WOUDHUYSEN, H. R. (eds.). **The Oxford Companion to the Book**. Oxford, UK: Oxford University Press, v. 1, p. 523, 2010.

RAFFERTY, Pauline. Genre as knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 49, n. 2, p. 121-138, 2022. Disponível em: <https://www.imrpress.com/journal/KO/49/2/10.5771/0943-7444-2022-2-121>. Acesso em: 09 ago. 2025.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. Subject heading and facet analysis. **Journal of Documentation**, v. 20, n. 3, p. 109-119, 1964. Disponível em: <https://www.emerald.com/jd/article/20/3/109/214330/SUBJECT-HEADING-AND-FACET-ANALYSIS>. Acesso em: 09 set. 2025.



RAGHAVAN, K. S. Facet, Facet Analysis and Facet-Analytic Theory. **Annals of Library and Information Studies**, v. 71, n. 1, p. 105-112, 2024.

Disponível em: <https://or.niscpr.res.in/index.php/ALIS/article/view/8995>. Acesso em: 09 set. 2025.

ROCHA, Leonardo Burlamaqui Lima da. **Ontologia de notícias**: um modelo para classificação do conteúdo dos jornais on-line brasileiros, segundo a lógica da Web Semântica. 2012. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.esdi.uerj.br/assets/578d56ab7eb521ba431b0c450f777742/63e3e1832067a3fa692a8e399b4f8e45.pdf>. Acesso em: 09 set. 2025.

RUSSELL, Jeffrey B.; BROOKS, Alexander. **História da bruxaria**: feiticeiras, hereges e pagãs. São Paulo: Aleph, 2019.

SANDOZ, Raphaël. Thematic reclassifications and emerging sciences. **Journal for General Philosophy of Science**, v. 52, n. 1, p. 63-85, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10838-020-09526-2>. Acesso em: 09 set. 2025.

SARASIN, Philipp. More than just another specialty: On the prospects for the history of knowledge. **Journal for the History of Knowledge**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://journalhistoryknowledge.org/article/download/11158/12113>. Acesso em: 09 set. 2025.

SMIRAGLIA, Richard. **Domain analysis for knowledge organization**: tools for ontology extraction. Oxford: Chandos Publishing, 2015.

SMIRAGLIA, R. P. Universes, dimensions, domains, intensions and extensions: knowledge organization for the 21st century. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K. S. (Eds.). Categories, Contexts, and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference, 6–9 August 2012, Mysore, India. In: **Advances in Knowledge Organization**, v. 13. Würzburg: Ergon Verlag, 2012. p. 1-7. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/de/10.5771/9783956504402/categories-contexts-and-relations-in-knowledge-organization?page=1>. Acesso em: 09 set. 2025.

SMIRAGLIA, Richard P. Work. **Knowledge Organization**, v. 46, n. 4, p. 308-319, 2019. Disponível em: <https://www.imrpress.com/journal/KO/46/4/10.5771/0943-7444-2019-4-308>. Acesso em: 09 set. 2025.

TENNIS, J. T. Two axes of domains for domains analysis. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 3/4, p. 191-195, 2003. Disponível em: <https://digital.lib.washington.edu/server/api/core/bitstreams/e01d4eff-946a-4ab8-99f5-78a0c78e1f8c/content>. Acesso em: 09 set. 2025.

THORÉN, Henrik; PERSSON, Johannes. The philosophy of interdisciplinarity: sustainability science and problem-feeding. **Journal for General Philosophy of Science**, v. 44, n. 2, p. 337-355, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10838-013-9233-5>. Acesso em: 09 set. 2025.

VIGNOLI, Richele Grenge; SOUTO, Diana Vilas Boas; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Sistemas de organização do conhecimento com foco em ontologias e taxonomias. **Informação & Sociedade**, v. 23, n. 2, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/6fdd8a37-0439-480e-b758-29fca1e8a8a2>. Acesso em: 09 set. 2025.

VERBURGT, Lukas M. The history of knowledge and the future history of ignorance. **KNOW: A Journal on the Formation of Knowledge**, v. 4, n. 1, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/708341>. Acesso em: 09 set. 2025.

WEINGART, Peter. A short history of knowledge formations. In: **The Oxford Handbook of Interdisciplinarity**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 3-14.

WELLISCH, Hans. Conrad Gessner: a bio-bibliography. **Journal of the Society for the Bibliography of Natural History**, v. 7, n. 2, p. 151-247, 1975. Disponível em: <https://www.euppublishing.com/doi/abs/10.3366/jsbh.1975.7.2.151>. Acesso em: 09 set. 2025.

NOTAS E CRÉDITOS DO ARTIGO

- **Reconhecimentos:** Não se aplica.
- **Financiamento:** Este estudo foi financiado pela agência brasileira Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) para a bolsa de estudo.
- **Conflitos de interesse:** Não se aplica.
- **Aprovação ética:** Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP-UFMG, em: 09/02/2021 - CAAE 42689120.0.0000.5149, Número do respectivo parecer 4.532.815.
- **Disponibilidade de dados e materiais:** <https://repositorio.ufmg.br/items/e0cf9091-ec12-41a2-bc4b-f2f55273b36f>
- **Manuscrito publicado como preprint:** Não se aplica.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Contribuição	1º autor	2º autor
Concepção do estudo	X	X
Conceitualização	X	X
Metodologia	X	X
Coleta de dados / investigação	X	
Curadoria de dados	X	
Análise dos dados	X	X
Discussão dos resultados	X	X
Visualização (gráficos, tabelas e outros)	X	

30



Rascunho original	X	
Revisão e edição final	X	X
Supervisão e administração	X	X
Aquisição de financiamento	X	

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) os direitos exclusivos de primeira publicação do trabalho, que é simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem obras derivadas a partir do trabalho publicado, inclusive para fins comerciais, desde que seja atribuído o devido crédito à autoria e à publicação original neste periódico.

PUBLICADOR

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI). As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião dos editores ou da instituição editora.

Presidente do Corpo Editorial

Angélica C. D. Miranda, Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande/RS, Brasil

Editor Associado

Mateus Rebouças Nascimento, Mateus Rebouças Nascimento – UFR, Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil

Editor Associado

Nivaldo Calixto Ribeiro, Universidade Federal de Lavras - UFLA, Lavras, Minas Gerais/MG, Brasil

Edna Karina da Silva Lira, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis/SC, Brasil

Assistente Editorial

Franciesca Goulart Santos, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil

Marcela Polino dos Santos, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil

Rosiani Amaral, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil